

## De Schönbrunn a Hellbrunn

Ivan Corrêa

(Psicanalista. Professor Titular da UNICAP)

### Resumo

A partir da história clínica conhecida como o “Caso do Pequeno Hans”, descrita por S. Freud sob o título de “Analyse der Phobie eines Fünfjährigen Knaben” (1909), propomos uma leitura lacaniana desse texto, enfocando os aspectos topológicos e a absoluta predominância da lógica do significante na forma como Freud aborda o caso e na coincidência (?) do “transporte do signo” na vida e na história de Herbert Graf.

**Palavras-chave:** fobia, significante, sintoma, topologia.

### Abstract

Based on the clinical story known as “The case of Little Hans” described by Freud under the title “Analyse der Phobie eines Fünfjährigen Knaben” (1909), the proposition is a Lacanian reading of this text focusing the topological aspects and the absolute predominance of logics of the signifier in the way Freud refers to the case and in the coincidence? of the “transportation of the sign” in the life and in the history of Herbert Graf.

**Key words:** phobia, signifier, symptom, topology.

### O olho d’água

Em 1971, o regente de óperas HERBERT GRAF funda em Hellbrunn, no Festival de Salzburg, um “segundo lar” que deveria ser um “encontro mundial da juventude”.

\* Tanto no “caso de Hans” como no “caso do Homem dos Ratos”, Freud desenha os trajetos.

Com concertos, óperas, teatro e dança, até hoje esse projeto sobrevive a seu fundador, falecido em 1973. Admirado por todos, Herbert Graf era filho do musicólogo MAX GRAF, que, no início do século, o conduziu ao Dr. Sigmund Freud.

A fobia de Herbert Graf é que se tornou o caso paradigma do “Pequeno Hans” ([1909]1976), da mesma forma que o “Sonho de Irma” (1900) – que foi de Freud – se tornou o “Sonho Modelo” (Traummusters).

Hellbrunn é a composição de helle=límpida e de Brunnen=fonte, nascente. Da mesma forma, Schönbrunn vem de schöne=bonita, bela, e de Brunnen=fonte, olho d’água ...

“Um veio d’água na serra  
É um olho d’água  
Um veio d’água no rosto  
É uma mágoa  
A correr  
Um pingo d’água no rosto  
É uma tristeza  
Um pingo d’água na rosa  
É uma beleza  
Pra se ver  
Pode haver angústias no sorriso...”  
(Luís Ramalho)

É de fato de um “belo olho d’água” (Schönbrunn) que o “Pequeno Hans” volta um dia com sua mãe e uma fobia de cavalo, ostentando em seu rosto a angústia que substituiu seu belo sorriso de criança – deixando correr de seus lindos e límpidos olhos a água amarga de suas lágrimas. Pingos d’água salgados e ardentes que queimam suas róseas faces.

Mergulhado em angústias e medos, Hans fala de cavalos açotados e dos enganos da palavra.

Hellbrunn é um castelo nas proximidades de Salzburg, na mesma situação que Schönbrunn em relação a Viena, com um grande parque e um jardim zoológico. Os qualificativos – schön e hell – variam, mas o substantivo – Brunnen – persiste como um invariante topológico.

O que operou esse invariante nessa passagem de Schönbrunn a Hellbrunn ? O que teria



ficado no primeiro que Herbert Graf foi procurar no outro? Na passagem de Herbert a Hans, algo não se teria perdido? Talvez uma parte de gozo não simbolizado... uma operação inacabada?

## O Espaço-Outro

Os trajetos\* de Hans e dos cavalos perpassam todas as páginas da “Fobia de uma criança de cinco anos” (Freud [1909] 1976). Eles introduzem uma nova organização do espaço. Um espaço-outro se cria e uma “ciência do lugar” se instaura. Hans sabe coisas sobre os deslocamentos dos cavalos e de suas carroças que escapam ao conhecimento e à lógica dos seus familiares. Uma outra lógica do lugar (topos-logia) se instala e surge a tentativa de reorganização desse espaço-outro que exige uma redistribuição da economia libidinal. Hans se obriga a controlar seus trajetos e os trajetos desse objeto por ele privilegiado, o *cavalo*.

Complicações e meandros da fobia postulam uma abordagem cautelosa, como a própria natureza do objeto requer.

Começamos por opor a essas complicações o gesto simples e rotineiro de nos postarmos diante de um espelho. Esse gesto tão costumeiro cria um espaço-outro, o virtual, e permite, por oposição, a nomeação do real. Surge a simbologia que mediatiza a Lei, a Ordem, o Outro, a Castração. A introdução do espelho inaugura o espaço de uma Tópica, a realidade do espaço, irremediavelmente dual, e que só pode definir um espaço ambivalente: um espaço real e um espaço virtual aparentemente homogêneo. Sem dúvida, já podemos, aqui, antecipar que há uma homeomorfia<sup>1</sup> entre a colocação de um espelho plano e a divisão do espaço a que o objeto fóbico leva Hans a efetuar.

Pela sua estrutura, o espelho plano funda a virtualidade onde se formam, ilusoriamente, as imagens que aparecem como objetos-outros do campo do real. Portanto, introduzir um espelho significa também estabelecer a diferença, o não-homogêneo<sup>2</sup>. O real aparece como real, porque existe o virtual. Temos agora objetos-coisas e objetos-outros. Isso nos leva ao conceito matemático da biunivocidade. Quando uma criança conta em seus dedos as figurinhas de um álbum, essa operação

lhe permite conhecer, reduplicativamente, que há o outro lado. Seus dedos não são as figurinhas nem estas seus dedos, mas há algo que liga cada um ao outro e os identifica. A relação real de troca só se pode dar pelo entrecruzamento da relação imaginária da quantidade e desta simbologia. Lembremos Lacan no Seminário I (1953-1954):

*“A ótica se baseia numa teoria matemática sem a qual não seria possível estruturá-la. Para que haja ótica é necessário que a cada ponto dado no espaço real corresponda um e um só no outro espaço que é o espaço imaginário. É a hipótese estrutural fundamental. Parece excessivamente simples, porém sem ela não se poderia escrever nem uma equação, nem simbolizar nada. A ótica seria impossível. E mesmo os que a ignoram não poderiam fazer nada em ótica se aquela não existisse”* (Lacan, 1975: 90)

Essa observação de Lacan é bastante pertinente para a clínica da fobia, onde uma estrutura de limite se faz sentir constantemente. A angústia é um sinal – no Eu, diz Freud – que marca no espaço, cada vez que surge, uma série de zonas que não podem ser ultrapassadas. O espaço do sujeito vem organizar-se em torno desses limites que se tornam de-limitações. O pavor cria fronteiras. *“O espaço parece fazer parte do inconsciente – estruturado como uma linguagem”* – observa Lacan (1975: 122). A fobia de Hans poderá talvez nos trazer alguma luz sobre isso. Esta surge, de fato, no momento em que as regras do jogo são trans-tornadas e ele deve assumir a integração simbólica de seu sexo.

Até então, Hans se situava numa relação imaginária, dual, com sua mãe. Dois acontecimentos reais mudam as regras do jogo: os primeiros prazeres fálicos de Hans e o nascimento de uma irmã.

A questão fundamental “donde vêm as crianças” implica a questão sobre o significante pai. Hans se encontra desarmado para a revisão de seu sistema simbólico. Sua mãe não valoriza o sexo dele e faz do filho seu apêndice: leva-o ao banheiro, ao leito... não obstante as proibições do pai. Este é demasiadamente fraco para servir de suporte à transformação do sistema simbólico de Hans.

## O Sintoma Estruturante

O sintoma fóbico surge para suprir a carência do pai real. A castração, de fato, é definida por Lacan como uma operação simbólica sobre um objeto imaginário e cujo agente é real. O sintoma desempenha um papel estruturante, mediador do imaginário ao simbólico, enquanto substitui no real a instância paterna carente no real. O medo que não vem da palavra do pai virá do cavalo. Os “cavalos de angústia” balizam o espaço de sinais que suprem o inter-dito. É como significante imaginário que o cavalo desempenha este papel para Hans. O cavalo é, ao mesmo tempo, a imaginarização de um elemento simbólico – da linguagem – e do símbolo que serve às construções imaginárias de Hans. Há uma simbolização do imaginário nas suas construções míticas. Esse laço do imaginário ao simbólico se faz pela mediação do sintoma, cujo significante “*cavalo*” (o “complexo do cavalo”, diz Freud) representa o elemento substituível, permutável, separável. É em virtude desse papel estruturante do sintoma, desse laço entre o imaginário, o simbólico e o real, que Freud ajudou a fobia a se expandir (*abzuwickeln*) através da única intervenção direta que fez a Hans, anunciando-lhe seu mito, o mito de Édipo<sup>3</sup>.

Freud (1976: 58) fala da substituição do “objeto pai” pelo objeto “animal”. Essa “*formação de substituto do elemento de representação (Vorstellungsanteil) se completa pela via do deslocamento (Verschiebung) seguindo conexões determinadas de um modo particular*”.

Podemos dizer que esse deslocamento é homeomorfo aos deslocamentos do cavalo e de Hans: na expressão de Freud, “*a neurose é colocada sob o signo dos meios de transporte (Verkehr)*”. Esse homeomorfismo se ilustra com a famosa frase de Hans para explicar sua fobia: “*wegen dem Pferd, und wegen dem Pferd*” – por causa do cavalo e por causa do cavalo.

Freud nota que Hans acentua por causa. Essa frase é pronunciada a Gmundem pelos amigos de Hans, quando um deles, Fritz, cai do cavalo e machuca o pé. É talvez por causa dessa frase, diz Hans, que ele contraiu sua “*besteira*” (nome

da fobia). Freud indica que o termo *wegen* – por causa de – abriu o caminho (*Weg*) à extensão de sua fobia dos cavalos aos carros: *Wagen*, ou como Hans está acostumado a ouvir e a falar *Wägen*, que se pronuncia como *wegen*.

Há homeomorfismo entre a figura “*wegen dem Pferd*” e o cavalo que puxa a carroça, na medida em que a dois pontos vizinhos de uma figura correspondem dois pontos vizinhos da outra. Se a neurose de Hans está sob o signo dos meios de transporte, é porque sua solução está no transporte do signo. O cavalo é o significante de onde Hans poderá pôr suas questões que irá representá-lo junto de outros significantes, estabelecer as regras do jogo e pô-lo a “*cavaleiro*” da nova situação.

Por quem Hans é atraído? A quem está ele atrelado? O cavalo lhe vai permitir colocar essas questões.

## Os Trajetos

Vejam os trajetos que Hans utiliza nessa busca. A importância que as representações espaciais têm para a clínica é expressa em Lacan, como referimos, ao afirmar que o espaço parece fazer parte do inconsciente, no sentido de que esse espaço é estruturado pelas formações do inconsciente ser efeito, portanto, de uma combinação de substituição e de deslocamento.

As formações do inconsciente criam um lugar-Outro, semelhante à colocação do espelho. Toda dificuldade é nomear esse lugar. Freud teve que retomar a expressão de Fechner, “*a outra cena*” (*Die andere Schauplatz*), para designar o lugar das formações do inconsciente. Em seguida, inventou as tópicas. Não há, então, para Freud um único lugar das formações do inconsciente, mas vários. Esses lugares têm suas leis próprias, sua consistência. Lacan prolongou essa tentativa de Freud, partindo do fato, objetivo, de que esses lugares são “*ditos-lugares*” e nomeando as três “*ditas-dimensões*”: o real, o simbólico e o imaginário. Dimensões que tomaram uma consistência de nó (ou de cadeia) – o nó borromeu: nenhuma das consistências se mantém duas a duas, mas, somente, as três juntas de tal forma, que, se se corta uma qualquer, as outras ficam livres.



Do lugar dessa modalidade borromeana, é que os trajetos de Hans devem ser examinados. A casa da Hans situa-se diante da estação da Alfândega Central, onde passam os trens da estrada de ferro (Eisenbahn) e o trem local de Viena (Stadtbahn). Dessa estação pode-se ver a casa de Max Graf.

Os trajetos de Hans são os seguintes:

1. ida e volta da carroça puxada pelo cavalo ao longo da rampa de descarga. Hans teme não voltar à rampa antes de a carroça partir;
2. trajeto à pé de Hans com sua babá ou sua mãe ao Stadtpark. Esse trajeto é associado ao começo da angústia, antes da fobia;
3. trajeto do Stadtbahn, em parte subterrâneo, que Hans faz com sua mãe para ir a Schönbrunn. De Schönbrunn Hans tomou também o bonde com seu pai, para ir à casa da avó paterna em Lainz. A esse ramal se refere o fantasma de ter passado a corda com seu pai e de ambos terem sido levados pelo policial;
4. trajeto com o pai na estrada de ferro (o Verbindungsbahn = estrada de ferro de ligação) que o conduz diretamente à casa da avó de Lainz. A esse trajeto se associou o fantasma de ter quebrado um vidro com o pai e de novo terem sido levados pelo policial, como também o grande fantasma em que Hans viaja com a avó para a Alfândega Central (Hauptzollamt) e, logo após, sem se saber por que, encontra-se viajando com o pai;
5. trajeto da estrada de ferro para Gmundem, onde se situa a casa de campo dos pais de Hans.

Em Gmundem, de onde o Sr. M. Graf se ausentava com frequência, deixando Hans com a mãe, é que se condensavam todos os acontecimentos que estiveram presentes na fobia de Hans: a queda de Fritz e o “por causa do cava-

lo”; o cavalo que morde; a chegada da mãe grávida de cinco meses; os fantasmas com a cego-nha; a banheira; a masturbação; as brincadeiras com as meninas; a permanência na cama da mãe; a primeira lembrança de um enterro... Não admira que o fantasma que se relaciona a esse trajeto de Gmundem seja Hans levado, com seu pai, pelo trem, antes de poderem vestir-se.

Não é possível sobrepor os trajetos geográficos aos trajetos imaginários de Hans. Mas certamente aos trajetos que fazem a estrutura da fobia de Hans podemos acrescentar o do significante “*Pferd*” como tal, em sua particularidade, e não mais sob o ângulo do deslocamento, porém em sua função de suplência do pai, função que cruza todos os outros trajetos metonímicos. Essa hipótese é mais conforme como papel estruturante do sintoma fóbico.

A metáfora do sintoma não se liga apenas à sincronia das metonímias, dos deslocamentos encadeados juntos, mas ela é também efeito da nomeação de um significante particular, a contar como tal. O trajeto do significante “*Pferd*”, que se encontra na encruzilhada de todos os caminhos, explicita o laço entre os outros trajetos, ele é uma nomeação de Hans. O que é a fobia senão a nomeação de um medo, em vez do inominável da angústia? Nomeação que liga coisas que “não têm nada a ver...”

O trajeto de Gmundem é suplementado, no fantasma, por um além para onde Hans é levado com seu pai. Podemos nomear esse além de Viena-Gmundem, de HELLBRUNN?

## NOTAS

- <sup>1</sup> Cf. Corrêa, Ivan – “*A Psicanálise e os Espaços Topológicos*”, mimeo, inédito, p. 4, onde usamos a seguinte definição simplificada de homeomorfia: “chama-se homeomorfia ou transformação topológica, toda transformação biunívoca e bicontínua: a todo ponto de uma das duas figuras corresponde um ponto e um

só ponto da outra figura; e a dois pontos vizinhos de uma correspondem dois pontos vizinhos da outra”.

- <sup>2</sup> A partir de sua fobia, o espaço para Hans se torna het-erogen(e)o: há lugares onde ele pode estar e lugares aonde ele teme ir com sua respectiva quota de bem-estar e de mal-estar, de prazer e de dor.
- <sup>3</sup> G.W. Vol. VII, p. 278 – “Continuei, dizendo que bem antes dele nascer, eu já sabia que ia chegar um pequeno Hans que iria gostar tanto de sua mãe que, por causa disso, não deixaria de sentir medo de seu pai” (ESB. – Vol. X, p. 52).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. **Gesammelte Werke** : Analyse der Phobie eines Fünfjährigen Knaben (1909). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1976. v. 7.

\_\_\_\_\_. **Gesammelte Werke** : Die Verdrängung (1915). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1976. v. 10.

LACAN, J. **Le Seminaire**. Paris : Seuil, 1975. Livre I (1953-1954) : Les écrits techniques de Freud.

\_\_\_\_\_. **Le Seminaire**. Paris: Seuil, 1975. Livre XX (1972-1973) : Encore.

